

HETERODOXIA ROOSEVELTIANA EM FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

José Octávio de Arruda Melo*

A finalidade deste estudo consiste em ressaltar a manifesta heterodoxia de Fernando Henrique Cardoso.

Com efeito, seja em Sociologia, Economia, ou, ainda, na Política, repartida entre ciência e militância, o Ex-Presidente sempre fugiu ao convencional, trilhando caminhos próprios.

Dir-se-á que essa característica proveio do lado Cardoso da família. De fato, enquanto o avô paterno se converteu em jacobino florianista, no início da República, quando essa corrente buscou perspectiva diferenciada para o Exército e a Nação, o pai merece especiais considerações.

Isso porque numa época em que a maioria da oficialidade refletia a influência norte-americana, datada da Segunda Guerra Mundial, o general Leônidas Cardoso formou com a corrente nacionalista do Clube Militar, liderada por Estillac Leal. A esta coube, entre outras iniciativas, viabilizar, em aliança com as esquerdas e o Partido Comunista, o monopólio estatal da Petrobrás, como símbolo da emancipação nacional.

Na qualidade de partidário e militante desta, o general Leônidas elegeu-se deputado federal, pela esquerda do PTB de São Paulo, entre 1955 e 59. Se não brilhou na tribuna da Câmara, então reunida no Rio de Janeiro, não se desviou da área populossindical e militar onde, juntamente com o irmão, Felicíssimo, fundou e secretariou o Centro de Estudos e Defesa de Petróleo e da Economia Nacional¹.

* Historiador de ofício, com doutorado pela USP. Professor aposentado pelas UFPB e UEPB, com exercício no Curso de Direito do Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ. Ex-editor de **Revista do UNIPÊ** e autor de **História do Direito e da Política** (2009) e **História da Paraíba: Lutas e Resistência** (2ª tiragem da 12ª ed., 2013).

¹ Recorrendo aos arquivos da Câmara Federal, o pesquisador Jean Patrício encontrou vinte e dois discursos do general Leônidas Cardoso, como deputado. Diante de sua posição de ativista do nacionalismo, sua atuação deve figurar mais nos jornais da época como participante das reuniões populossindicalistas onde falava frequentemente.

1 Tal pai, tal filho – Essa heterodoxa combatividade do pai constituiu a marca registrada do filho

Em Fernando Henrique Cardoso, a vocação para as letras despontou cedo, aos dezesseis anos, no Colégio São Paulo, onde, juntamente com os colegas secundaristas, ensaiou aproximação com a elite artística e intelectual paulista. Integrante, em 1949, do Conselho Diretor da **Revista dos Novíssimos**, produziu poemas como **Visão Segunda** e **Transbordamento**. Os que o acompanharam nessa sortida, como Ataliba Nogueira Júnior, Radha Abramo, Célio Benevides, Boris Fausto e Haroldo de Campos, situaram-no como criador de “proesia”, o que significava prosa misturada com poesia – era a prosa que o atraía².

A definição cultural sobreveio à frente, quando, aos vinte e sete anos e já professor assistente da Faculdade de Filosofia da USP, onde concluiu o curso superior e o mestrado em Sociologia, pôs-se a integrar o grupo de **O Capital**, de leitura sistemática da obra de Marx³.

A inortodoxia fernandohenriqueana deve ser observada numa dupla perspectiva. Pela opção do marxismo, numa época em que as ciências sociais brasileiras seguiam outros padrões, e visão diferenciada da chamada filosofia da práxis. Para Fernando Henrique Cardoso – em comportamento seguido pela vida afora – o marxismo deveria representar mais método de interpretação da realidade que instrumento de ação política para transformação daquela.

Assim, com simpatias pela esquerda, mas sem se converter em ativista, proclamou-se “herético e antifundamentalista”, em relação ao marxismo, porque “não podíamos jogar pela janela, simplesmente, um século de trabalhos sociológicos alheios a Marx”. Sujeito a outras influências, agregou-se aos que, em São Paulo, fundiram o materialismo histórico de Marx com o

² “Confissões de um adolescente”, **Isto É** 1348, de 02 de agosto de 1995, p. 22-3.

³ MOURA, Flávio et al. (orgs). **Retrato de Grupo: 40 anos de CEBRAP**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009, p. 23-4.

culturalismo de Max Weber e a Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim⁴.

No segundo capítulo de nosso **Da Sociologia à Política no heterodoxo FHC**, a inicial produção sociológica de Fernando Henrique é encarada nessa dimensão. Com o autor revelando-se mais marxólogo que marxista, a heterodoxia também despontava pelo tratamento temático. Com **Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional – O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul** (1962), pela primeira vez a escravidão era apreciada fora de um sistema de *plantation* tropical, como apanágio da obra de Gilberto Freyre. Deste, Fernando Henrique, voltado para as relações de poder do escravismo gaúcho, logo se distinguiu, para com ele se reencontrar.

2 No auge da heterodoxia – a Teoria da Dependência – Uma das singularidades desta nossa abordagem consiste no estreito relacionamento da obra de Fernando Henrique Cardoso com a vida.

De fato, após limitada participação na Campanha da Legalidade, em 1961, o sociólogo viu-se perseguido em 1964, quando optou pelo exílio, junto à CEPAL, no Chile. Foi lá que elaborou, com o chileno Enzo Faletto, uma das mais engenhosas teorias sociológicas da América Latina – a do desenvolvimento com dependência associado.

Condensado em **Dependência e desenvolvimento na América Latina** – ensaio de interpretação sociológica (1966/7) cujas edições rapidamente se esgotaram, sua heterodoxia deriva da circunstância de tanto se opor ao “milagre econômico” da direita quanto à estagnação e “fascismo colonial” da esquerda, na avaliação do golpe militar brasileiro de 1964.

⁴ Em um dos Seminários Paraibanos de Cultura Brasileira, promovidos pelo Governo da Paraíba e Grupo José Honório, entre 1976 e 87, o historiador José Honório Rodrigues se opôs a essa fusão operada pela Sociologia Paulista entre Marx e Max Weber.

Sem obscurecer as positivas implicações deste, na área econômica, Fernando Henrique percebeu que o sistema militar otimizava a economia, graças à conjugação do Estado, tornado empresarial, com o capital estrangeiro oligopolizado e as empresas nacionais modernizadas.

Esse modelo, adotado pelo autor quando na Presidência da República, datando daí as bem sucedidas privatizações de seu Governo, consultavam os interesses da burguesia. Esta, ao contrário do imaginado por política anterior a 64, não se dispunha a aliar-se ao esquema nacional-populista de CGT, ISEB, UNE e classes médias, porque seu caminho era o da internacionalização do capital.

Nesse sentido, uma das conclusões de **Da sociologia à política no heterodoxo FHC** reside em que a teoria da dependência é precedida dos levantamentos de **Empresário industrial e desenvolvimento econômico** (1964) onde se percebe que a decantada burguesia nacional, além de inexistente, compunha-se com o capital internacional e não com a coligação populista. Isso, aliás, não ocorreu apenas no espaço brasileiro, mas na América Latina, a partir da Argentina, analisada pelo autor conjuntamente ao Brasil⁵.

Essas oscilações da dialética fernandohenriqueana reafirmam sua manifesta heterodoxia. Isso porque mesmo reconhecendo a validade do desenvolvimento associado com a dependência – no fundo, o ovo de Colombo de suas concepções – Fernando Henrique não a toma como fetiche, a partir da qual a problemática econômico-social latino-americana e brasileira, superposta à da CEPAL, estaria definitivamente resolvida.

Não. A dependência associada constituiria momento de processo capaz de deflagrar novas contradições que à sociedade competiria equacionar.

A questão aparece no estudo **As ideias e seu lugar** – ensaios sobre as teorias do desenvolvimento (CEBRAP,

⁵ CARDOSO, Fernando Henrique. **Política e desenvolvimento em sociedades dependentes**, 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

1980) onde, postergada em **Dependência e desenvolvimento na América Latina** (7^a ed., 1970), desponta à página 14 a pergunta chave desse universo:

“[...] A nova forma de dependência resolve os problemas do povo?”

A resposta não deixa margem a dúvida:

Obviamente não. Mercado não é sinônimo de população. A expansão do mercado não significa a melhoria dos níveis de vida do conjunto da população. Por certo, como em todo desenvolvimento capitalista, certos segmentos da sociedade ganham com a industrialização: o empresário, os segmentos gerenciais, setores técnicos e setores compostos por profissionais liberais, por exemplo. Pode ocorrer mesmo que parte do operário industrial – dependendo de sua capacidade de luta – ganhe com o desenvolvimento econômico. Mas nada assegura que o piso da sociedade – os trabalhadores rurais e o setor urbano que ganha salário mínimo ou menos que isso – obtenha uma melhoria. (Grifos no original).

Longe de constituir uma panaceia, o DDA impõe ajustamentos, tais como “[...] Rever os padrões de dependência [o que] implica, por consequência em rever as formas de exploração entre as classes e de dominação política”.

Nada, pois, para Fernando Henrique está posto em termos conclusivos. Sua heterodoxia consiste nisso – em sempre buscar novos caminhos. Escrevendo em fins da década de setenta, o autor pontua, em **As ideias e seu lugar**, as esperanças do tempo que chegava:

É este o desafio da próxima década: ou temos a imaginação, a coerência e a força política necessária para colocar de fato no centro da questão do desenvolvimento a questão operária popular para, a partir deste, repensar a questão nacional, ou continuaremos condenados a fazer anatomias de estrutura de “interdependência” que podem até resolver os problemas de alguns segmentos da população, mas não resolverão os da maioria.

3 Análises burguesas e extensão da teoria – Outra diferenciação de Fernando Henrique adveio da burguesia como objeto de análise.

Isso não quer dizer que não tivesse olhos para o operariado, presente em estudos como “Situação e comportamento social do proletariado” (1972), mas que a burguesia, muito considerada, aliás, por Karl Marx, lhe atraía as atenções. Enquanto o grosso da academia concentrava-se sobre operários, camponeses e estudantes, como protagonistas de remota revolução social, FHC debruçava-se sobre a burguesia como segmento que dava o tom das sociedades brasileiras e latino-americana.

Tal predileção lhe permitiu abordagens como a da revista **Argumento** (1973). Efetivamente, foi a falência da burguesia chilena que inviabilizou a experiência de Salvador Allende, propiciando a irrupção do general Pinochet⁶.

Por outro lado, a eficácia da Teoria da Dependência provinha da irradiação sobre o conjunto da sociedade como um todo. Como o demonstrou Manfredo Berger, em **Educação e dependência** (1976), ela também se aplicava à área pedagógica.

Nesta, o “enfoque sociológico-politólogo de Cardoso” abre caminho para a “A relação entre estrutura dependente e estrutura dominante”, por via da qual “a análise da dependência não substitui a teoria geral do desenvolvimento, mas a precisa e limita”⁷.

4 Um heterodoxo contra o sistema – A partir de 1970/4, a heterodoxia de Fernando Henrique Cardoso ganhou outro direcionamento.

Graças ao funcionamento do CEBRAP, criado em 1969, a área política da primitiva fixação deslocou-se do campo científico para o da militância partidária. É de ver que suas

⁶ Cf. o artigo de Fernando Henrique para a revista **Argumento** n. 1, de 1973, comentado por J.O. no quinto capítulo de **Da sociologia à política no heterodoxo FHC**.

⁷ BERGER, Manfredo. **Educação e dependência**. Porto Alegre: Difel, 1976, p. 52, 56 e 57.

pesquisas, algumas das quais elaboradas com a Arquidiocese de Dom Paulo Evaristo Arns, acompanharam essa translação. Elas partiram da crítica conceptual ao sistema político brasileiro também presente a artigos da imprensa alternativa, para franca atuação (pré)partidária.

Assim, enquanto “Hegemonia burguesa e independência econômica: raízes Estruturais da Crise Política Brasileira” (1967), “O modelo político brasileiro” (1972), “Notas sobre o estado atual dos estudos sobre a dependência” (1976) e “Amazônia: expansão do capitalismo” (1978) figuram no primeiro caso, **Os partidos e as eleições no Brasil** (1978) e **Os partidos políticos e a participação popular** (1981) recaem no segundo.

Decididamente, o cientista político se convertera em pregoeiro da democracia a que se seguiria militância partidária, contra a ditadura militar. Tal se concretizou quando Fernando Henrique se perguntou se a economia dependente se conciliava com a democracia.

Formalizando positiva resposta na coletânea **Democratizando o Brasil** (1988), organizada por Alfred Stepan, a ação do sociólogo desenvolveu-se em dois níveis. No plano prático, cabia-lhe incorporar-se ao (P)MDB e PSDB como suplente de senador, senador por duas vezes, candidato à Prefeitura de São Paulo e ministro das Relações Exteriores e Fazenda. No plano intelectual, é essa a época dos estudos mais especificamente políticos – **Perspectivas de desenvolvimento e meio ambiente** (1980), **A democracia necessária** (1985) e **A construção da democracia: estudos sobre política** (1993), com os ensaios deste último apresentados desde a década de setenta.

Em **Da sociologia à política no heterodoxo FHC**, o livro que leva a palma das convicções político-ideológicas é **A construção da democracia**, não só pelo estudo de História da abertura, referente à montagem da oligarquia brasileira, pela elite paulista, na República Velha, como, sobretudo, penetração das análises sobre o projeto de abertura da presidência Ernesto

Geisel. Poucos autores versaram o tema com tanta precisão e originalidade quanto FHC.

5 Fernando Henrique e o drama do PSDB – Suplente de senador e, a seguir, senador da República, era visível a feição socialdemocrata (de esquerda) de Fernando Henrique Cardoso, no final da década de setenta para os primeiros anos oitenta.

Com o PMDB dominado em São Paulo pelo quercismo e, a nível nacional, pelo fisiologismo do governo Sarney, do que resultou a irrisória votação de Ulysses Guimarães, como candidato à Presidência da República, em 1989, o PSDB preparou-se para ocupar a centro-esquerda da sociedade brasileira.

Nesses termos, essa agremiação procurava converter-se em **partido de massas**, respaldado por sólida base intelectual, no estilo da SPD alemã, socialismos francês e espanhol e *Labour Party* inglês. Para tanto, cooptou, com êxito, a Força Sindical de Luiz Antonio Medeiros, em São Paulo, e inúmeros sindicalistas no Rio de Janeiro.

Os sociólogos Hélio Jaguaribe e Fernando Henrique, no Rio de Janeiro e São Paulo, além do ex-udenista Afonso Arinos e o ex-governador pernambucano Roberto Magalhães avultavam como ideólogos de estrutura que congregava Mário Covas, Franco Montoro e José Serra, em São Paulo, grupo do ex-governador José Richa no Paraná, Pimenta da Veiga, Eduardo Azevedo e Aécio Neves, nas Minas Gerais, esquema Tasso Jereissati-Ciro Gomes no Ceará, Almir Gabriel no Pará, e jovens bastante promissores como Moema São Tiago, no Ceará; Lúcia Vânia, em Goiás; Ermínio Filho, no Piauí; Cássio Cunha Lima, na Paraíba e Almir Pazzianoto, em São Paulo, além de empresários como Albano Franco e Odilon R. Coutinho, no Sergipe e R. G. do Norte.

Universitário e de classe média, favorável ao parlamentarismo e desconcentração federativa, o PSDB tinha tudo para impulsionar as transformações político-

sociais e institucionais da nação brasileira. Que ocorreu, porém, para que a agremiação só em parte alcançasse esses objetivos?

Simplesmente, o posicionamento dos PT e PDT, os quais, disputando a fatia mais avançada do eleitorado, voltaram-se contra o tucanato, ao invés de dialogarem com ele.

Como me segredava o intelectual trabalhista Moniz Bandeira, renunciando as atuais colocações do senador Lindembergh Farias Filho, favorável à aproximação do PT com o PSDB, PT e PDT jamais se compuseram com o PSDB. O primeiro, em 1985, não só lançou a candidatura divisionista de Eduardo Suplicy à Prefeitura de São Paulo, o que contribuiu para a derrota de Fernando Henrique – ainda na ala esquerda do PMDB, mas posteriormente transferido para o PSDB – diante de Jânio Quadros, como combateu, no Congresso, todas as iniciativas reformistas do governo FHC, várias das quais adotadas com Lula no governo...⁸.

Já o PDT foi mais longe. Prisioneiro do personalismo do chefe Leonel Brizola – pessoalmente bravo, mas de visão política nem sempre consequente – procurou desestabilizar a democracia brasileira, na base do “Fora FHC”, lançado nos primeiros meses do governo deste...

Assim, ao contrário do que ocorreu no Chile, onde a substituição do ditador Augusto Pinochet encontrou a chamada Consertação de Partidos Políticos pela Democracia, reunindo correntes que se hostilizaram em 1972/3, como a Democracia Cristã, Socialistas, Partido pela Democracia (PPR) e o Partido Radical (PR), no Brasil as agremiações situadas mais à esquerda, PSDB, PDT e PT, além de algumas

⁸ Nossas entrevistas com o historiador Moniz Bandeira que, diante do ocorrido, deixou o PDT, tiveram lugar no Rio de Janeiro, no início da década de noventa. A explicação de FHC para sua derrota paulistana encontra-se em: DIMENSTEIN, Gilberto e SOUSA, Josias de. **A história real**: trama de uma sucessão, 3. ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 134.

alas do PC do B, recusaram entendimentos para se enfrentar, renhidamente⁹.

Como resultado, enquanto o PSDB viu-se compelido a alinhar-se com PFL e PTB, o PT fez o mesmo com outra vertente do PTB, segmento fisiológico do PMDB, PL e até, a certa altura, enviesadamente o PPR de Paulo Maluf. Se é certo que essas alianças não comprometeram a governabilidade do regime, não é menos exato que, com outra base de sustentação, tanto com Fernando Henrique como com Lula o Brasil teria avançado bem mais.

Que não se increpe, isoladamente, o PSDB e a Fernando Henrique Cardoso pelo acontecido. É bom não esquecer que, no segundo turno do pleito presidencial de 1989, o então senador tucano e Mário Covas subiram ao palanque de Lula contra Fernando Collor.

Se esperavam reciprocidade, cinco anos depois, na sucessão de Itamar Franco, enganaram-se redondamente. Em **A história real**: trama de uma sucessão (3. ed., 1994), Gilberto Dimenstein e Josias de Sousa evidenciam o ocorrido. Como Fernando Henrique e Lula da Silva acalentavam o mesmo objetivo de chegar à Presidência da República tronou-se impossível a composição entre ambos¹⁰. No Chile, a questão não foi colocada nessas bases.

Politicamente inviabilizado, o pacto PSDB/PT distanciou-se ainda mais, em razão do férreo estatismo deste último. O apelo ao capital estrangeiro das privatizações do tucanato nunca sensibilizou o lulismo para o qual o Estado regulador não passa de balela. Em consequência, onde não existem recursos orçamentários, como aeroportos, ferrovias e hidrovias, quase tudo restaria por fazer...¹¹.

⁹ “O resgate da identidade” e “Desafio do Futuro” in **Cadernos do Terceiro Mundo** n. 169, janeiro de 1994, p. 34/37. Da *Consertación* chilena, ficaram inicialmente de fora os partidos de esquerda Comunista, MIR MAPU, IC e Radical Social Democrata, vários dos quais a seguir com ela se compuseram, cf. **Isto É/Senhor** n. 1003, 7 de dezembro de 1988, p. 110.

¹⁰ A clivagem Lula versus FHC constitui uma das constantes de DIMENSTEIN, Gilberto e SOUSA, Josias de. **A História Real**, cit., passim, tendo como exemplo p. 34 e segs.

¹¹ Entrevista do Ex-Presidente Fernando Henrique à TV Bandeirantes, à meia-noite de 26 de dezembro de 2010.

6 Da reformulação do Estado ao rooseveltianismo – Contido no plano político-administrativo, o Governo Fernando Henrique concentrou-se na área institucional como seu ponto mais alto. É aí que, ao menos indiretamente, ocorreu sua aproximação com o Direito.

Tal consistiu em flexibilizar o Estado brasileiro, para torná-lo poroso, e em condições de sintonizar com a sociedade, para enfrentamento da nova dinâmica do mundo globalizado. Nesse sentido, receptivo às privatizações em, inclusive, setores tidos outrora como estratégicos e vedados ao capital estrangeiro, o Brasil abdicou do velho estatismo nacionalista e corporativo da Revolução de 30, Estado Novo e algumas passagens do consulado militar.

Ao optar, obsessivamente, por essa filosofia de ação, esboçada nos programas de governo **Mãos à obra Brasil** (1994) e **Avança Brasil** (1998) a experiência governamental FHC tanto se aproximou da *new left* quanto do *New Deal* de Roosevelt em que se terá inspirado. Não é verdade que essa orientação haja conduzido o Brasil a um patamar catastrófico. Enquanto o próprio Fernando Henrique observava, em entrevista pós-governamental de 2003, que “Mitterand tentou estatizar. Viveu o caos.”, o economista Cláudio Salm, em longa análise sobre o Brasil do Século XX para a **Folha de São Paulo**, de 2010, sustentava que “essa conversa de herança maldita é pura bobagem”.

Contestando uma das mais frequentes colocações do PT, segundo a qual as administrações federais tucanas comprometeram o Brasil, somente recomposto pela era Lula, Salm proclamou que “Lula é a continuidade de FHC, com o que tem de bom e de ruim”. E acrescentou:

[...] a evolução dos indicadores sociais no Brasil não é conquista de um único partido ou de um único presidente [...] o país está melhor por uma sucessão de fatores que não obedece ao calendário ou à lógica eleitoral. Entre eles, a consolidação de uma mesma política social, a queda da

taxa de natalidade e o fim de um duro ciclo estrutural de crescimento sem emprego que durou até 2000.¹²

As observações do economista da UNICAMP são tanto mais pertinentes por revelarem o acerto da política fernandohenriqueana em reformular o aparelho de Estado de modo a que este servisse, prospectivamente, ao Brasil e não a este ou aquele governo, individualmente considerado. Exatamente como Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos, depois do qual esse país já não seria o mesmo.

Algo refratário ao evangelho político de Maquiavel¹³, Fernando Henrique deixou bem clara a admiração pelo estadista norteamericano – mais do que Kennedy um heterodoxo do establishment – na seguinte passagem de seu testamento político:

Curiosamente, para quem passou por tudo que ele passou, Roosevelt era acusado de não tomar decisões. Muitos o consideravam indeciso e diziam (eis aí uma coisa que dizem de mim também...) que concordava com todo mundo. Não é que ele concordasse com todo mundo – ele ouvia todo mundo.

Churchill e Roosevelt são pessoas diferentes que em comum tiveram a coragem, a visão de futuro, a capacidade de tomar decisões e a firmeza de se ater a elas¹⁴.

Dessa maneira, ao pretender transformá-lo em um curso sobre o Brasil contemporâneo para as escolas de nível médio e superior, nosso ensaio **Da sociologia à política no heterodoxo FHC** bem poderia principiar pelos livros de J.A. Woods e Roy Jenkins acerca de Roosevelt¹⁵.

A diferença para com Fernando Henrique seria de época e país...

¹² Entrevista Cláudio Salm – Essa conversa de herança maldita é pura bobagem, **Folha de São Paulo**, 11 de janeiro de 2010, A-16.

¹³ Ao falar de **O Príncipe**, FHC cita exemplos de seu governo, **Folha de São Paulo**, 11 de agosto de 2010, p. E-7.

¹⁴ CARDOSO, Fernando Henrique. **Cartas a um jovem político** – Para construir um país melhor. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006, p. 33.

¹⁵ WOODS, J.A. Roosevelt e a América moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1958 e JENKINS, Lord Roy, Roosevelt, com tradução de Glauber Vieira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.